

[POESIA]

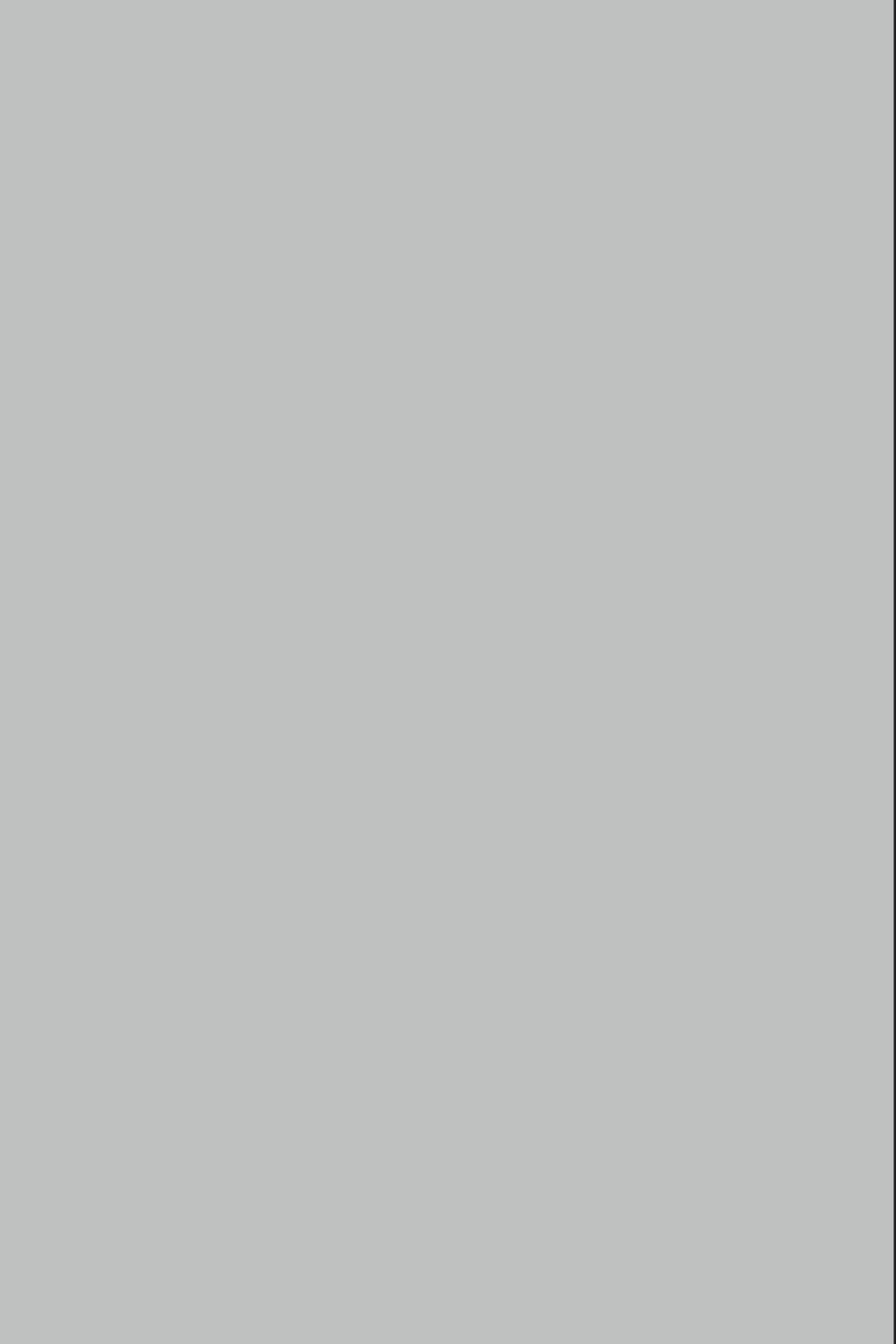
MERGULHO ANCESTRAL

Rodrigo T. Gonçalves

[[[]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**





RODRIGO T. GONÇALVES

MERGULHO ANCESTRAL



FAZENDA RIO GRANDE - 2025



COPYRIGHT © 2025 BY RODRIGO T. GONÇALVES

Título: **MERGULHO ANCESTRAL**

Linha literária: **COLETÂNEA DE POESIA**

Rodrigo Guedes

Design de capa

Tâni Falabello e Paula Vendramini

Revisão

Lhaisa Andria

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gonçalves, Rodrigo T.

Mergulho ancestral / Rodrigo T. Gonçalves. --
Fazenda Rio Grande, PR : Lumus Editora, 2025.

ISBN 978-65-85802-32-1

1. Poesia brasileira I. Título.

25-254289

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



www.lumuseditora.com.br

PREFÁCIO

Em *Mergulho Ancestral*, Rodrigo nos convida a desafiar o óbvio, a ir por caminhos improváveis, ruas sem saída, percorrer estradas em que podemos nos perder, e também encontrar aquilo que nem sabíamos que estava perdido. Começamos pelo fim: na primeira parte (que também é a última), “Fusão”, somos confrontados com o peso imensurável da existência, que se camufla numa linguagem simples, em poemas curtos mas com precisão de faca. É a força do conteúdo que nos funde, que pesa sobre nós, espectadores, que não podemos senão mergulhar. Rodrigo nos afunda, nos vemos submersos num mundo onde a contradição é lei; esmagados pelo mar, aprendemos a flutuar.

É sob essa pressão, a pressão da água, contrastada com a leveza da brisa, que somos dissolvidos pelo vento num delicado arranjo e seguimos em frente. Não retornamos ao começo, mas voltamos, vislumbramos o tempo do antes, interrompido o ciclo diário, guiados pelo fio que nos leva pelo sonho, espantados pelo canto abafado do novo, dando de frente com as portas todas fechadas – ainda sim, sempre há diante de nós uma janela. Ficamos entorpecidos, viramos pedra, tronco, estamos imersos em sono e no escuro. E então, de repente (e ao mesmo tempo, como se fosse inevitável), a luz começa a nascer devagar, as coisas tomam forma, vultos se movem sem pressa, em silêncio, na sombra.

O que Rodrigo constrói é um labirinto, um mundo inteiro de palavras que viram imagens – um céu feito fogo, um jardim de inverno, um restaurante de estrada, um fusca azul gigante, uma pedra, uma garrafa quebrada numa pia branca. É como se olhássemos o nosso retrato num espelho partido em mil cacos, que nos mostram muito além do que os olhos podem ver. Miragens? Simulacros? Fantasmas? Nada é o que parece.

Navegamos em alto ar, e assim como no mar, a respiração é posta a prova. É preciso fôlego para seguir até o fim (se é que existe fim) dessa viagem em que a trajetória é torta, onde encaramos curvas, becos e precipícios. É preciso deixar os olhos bem abertos para não perder o que há de bonito e precioso, que jaz velado e em silêncio, ansiando por ser encontrado.

Mergulho Ancestral é um convite, é uma porta entreaberta, é um raio de sol que persiste até o fundo do oceano, é o lento processo de cair, afundar, se afogar e abraçar a escuridão, apenas para retornar do outro lado – depois de girar o relógio ao contrário e fazer o caminho de volta – e imergir, respirar fundo e ver o sol nascer (de novo e pela primeira vez). Depois de anos de amadurecimento da sua trajetória poética, Rodrigo nos dá, no seu terceiro livro, um oceano. Não sejamos enganados pelo tamanho tímido: esse pequeno livro de poemas é inesgotável. Podemos ler e reler de novo, de ponta cabeça e ao contrário, que o caminho nunca será o mesmo. É uma cuidadosa máquina de significados, composta por alguém que conhece bem as engrenagens da linguagem, que além de poeta é linguista, tradutor, poliglota, pesquisador e muito mais.

Não posso incentivar o mergulho sem fazer com que esse prefácio seja também um aviso: antes de entrar, é preciso coragem. É preciso paciência para encontrar as nossas próprias palavras, por entre as páginas e em pequenos intervalos de lucidez. É preciso aceitar estar perdido, admitir que isso faz parte de uma jornada onde as coisas são propositalmente incompletas, indecifráveis, ocultas. Mas te chamam, e querem ser decifradas.

Acima de tudo, é preciso coragem. Aos bem aventurados, chegou a hora de prender a respiração, abrir bem os olhos e enxergar no escuro. Desejo a vocês – os curiosos, os inconsequentes e destemidos – um bom mergulho.

Retornaremos, mas nunca os mesmos.

Layla Gabriel de Oliveira

IV – FUSÃO



clarão potente
com mais pressão no diafragma
firma o sopro

com cenho a pino
olha de cima
de novo chão

arrasta um passo lento
por sobre as pedras do caminho
já presente flutuar

e muda o tom
atrás, a luz

Mergulho Ancestral

cada espaço mínimo na ponta do pé
contável pode esquecer cada
medida de falso
estado
o infra sensível
o mais suave que te toca à vista
em não morrer o
ser vento
ao contrário

chega, enfim, em casa
tantas estações passaram
e pouco ou nada
se criou

uma artimanha te revela
o dono da cama na velha oliveira
e nada muda
a viagem recomeça
até que venha a morte
pelo mar

Mergulho Ancestral

por fim, sente a leveza, o tom mudou
do falso o oco aberto se desfaz
disfarça a finitude, arruma a roupa
começa a pôr em ordem tudo, enfim

tendo afogado as crenças falsas
você descobre que o florescimento
não leva a nada além de si

o que se pode acrescentar
é pouco, mas fundamental:
a crença de que ele não cresce

Mergulho Ancestral

primordial para uma alma
corpo como nós
não é a origem
de tudo que já veio a ser
– o limite extremo
se expande em duas direções, não só ao fim

mas tanto se passou
desde o tempo em que você
despiu o véu do que te empresta
o gozo
que desidia é ser,
indiferença

Mergulho Ancestral

deixou migalhas no caminho um
fio fazendo cada curva
e espelhos em sistema para uma
passagem mais tranquila
você nem achou

esquece não
parece funcionar há mais espaço
que alguém pode contar então
o que move
em cada hora perdida
como erguer a massa toda
de um corpo já há
tanto afogado

Mergulho Ancestral

o há
o alvo colorindo
aurora
o começo

I – DO ALTO DA MONTANHA



mergulho ancestral
no que resta do ar
no que sobrou
mergulho em sonho
silêncio

lá embaixo uma casa
em que eu sigo existindo
mas aqui
eu tento ver no floco
branco
insistente
seu propósito último

Mergulho Ancestral

um resto de lápide
esperando que a máquina por trás
dos movimentos celestes
me cubra, por fim, com
um manto

nesse gozo renovado
junta a brita atentamente
qualquer vento dissolve o
delicado arranjo

assim, rente ao chão
esquece o espaço abaixo
nasce um broto e toda a altura
nunca é diferente

Mergulho Ancestral

lá no alto
subsistem laços
da natureza que
alçam luzes oblíquas
incansáveis
sem propósito

escalando cada furo preenhe
de cores
que se esforçam em manter
os mesmos pactos
os mesmos broncos conúbios
de relva queimada
sob o manto fofo e branco da
morte

se o falcão ainda dança
não vejo mais
o vale estende-se no tempo
no escuro a luz em facho
me lembra de casa

é a mesma terra
a mesma neve que lava o sujo

a mesma névoa que
nos lembra
que tudo tudo já acabou

embora a soma das coisas
seja ao fim
inumerável

Mergulho Ancestral

a colheita do silêncio
em luz oblíqua
varrendo na cabeça
cada mínimo absoluto

uma breve lâmina esgarça
em trote transversal
o declive o desbastado e
vai, doura ao fundo o infinito

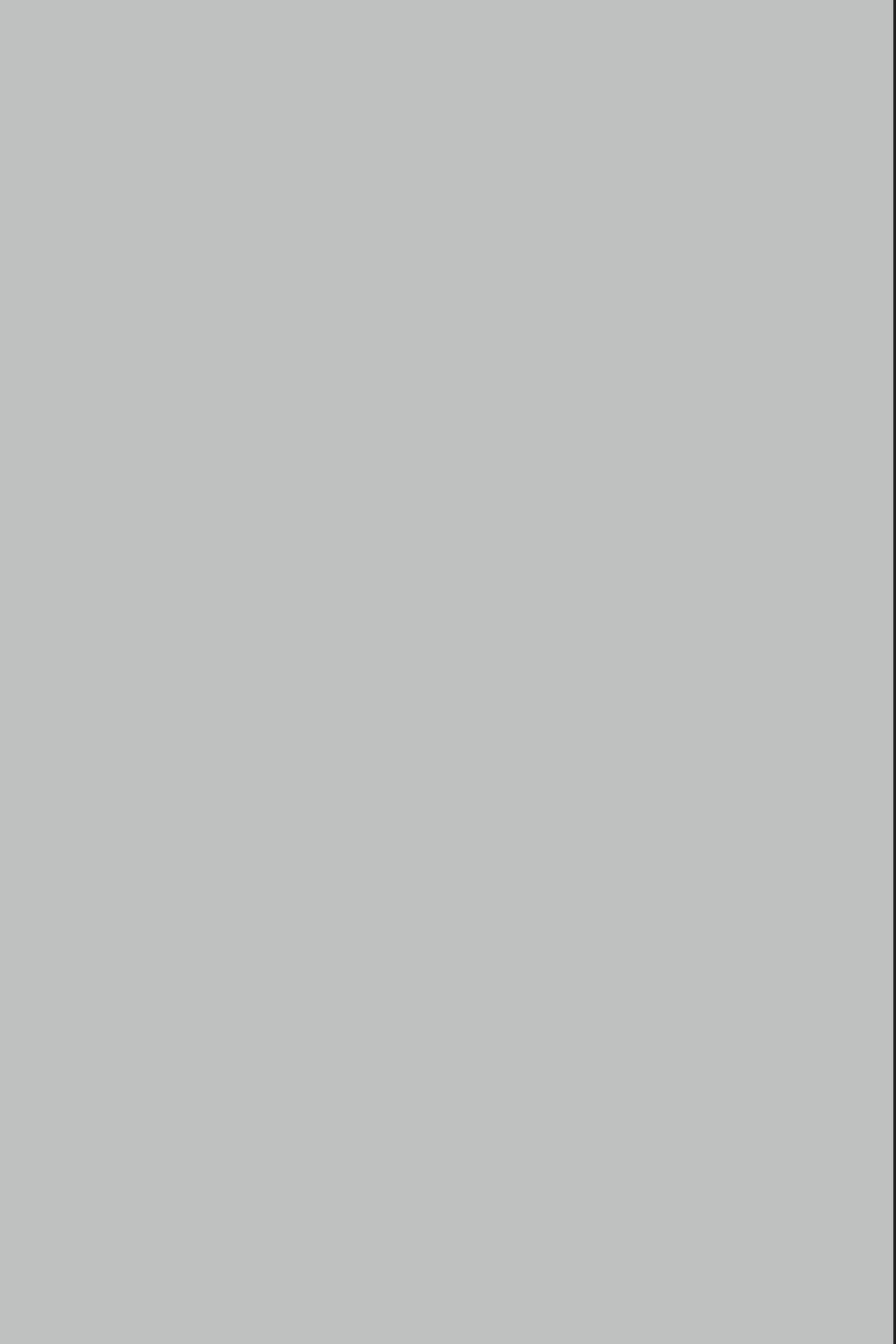
estranhos de cada princípio
com ganchos, estrépitos, fulgores
no caos da dança eterna

sobra água
da soma que
teme cair a cada novo sol
 o pouco
a morte da areia
o ver de um lado só
adiante
o ter o que comer
o pó
a receita
mescla que capaz
derrama o que se quer
o que produz
o hidrogênio
a pedra no caminho
a bosta
o pez

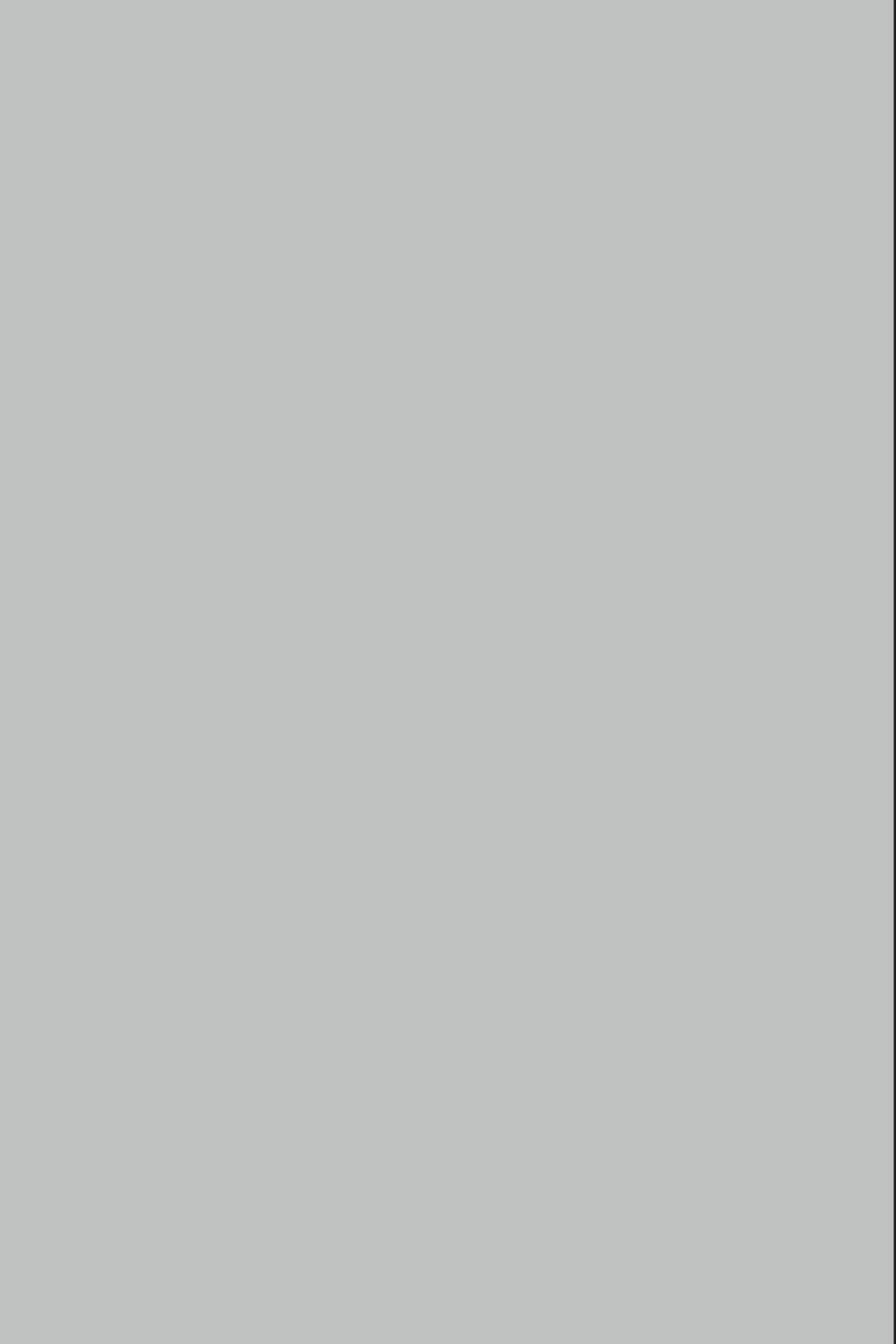
Mergulho Ancestral

ao falcão que aqui dança
como amarrado por fio invisível
furta-se ao choque do outro que vem
peço ao falcão que ali gira
para nos mostrar do que é feita a distância
entre o céu e você
entre a janela e o chão
peço ao falcão que ali canta
que leve
não lhe parece penoso
uma leve batida de asas
em sua janela afastada daqui
atrás no tempo
peço ao falcão que voe do dia pra noite
pra te levar o primeiro
raio de sol

um mundo
desde o sonho feito língua
que se dobra sobre língua
e sustenta o chão e o céu
o resto, caso possa,
esquece, como o nojo
de tudo que acaba



II – BROCA



então foi assim
de uma hora pra outra
o ciclo diário parou
comecei a tecer um
fio de cada vez atrás
de sonho cada vez
atrás de sopro eu
te disse eu desmanchava
cada vez eu desmanchava
mas aos poucos cada nó
fazia o olho fixar
montanha os galhos na mesma
janela os poros já não
mais limpos
cada um
ponto nó cada um
de nós as ruas
já vazias
o vento a bola
de feno
o tempo

Mergulho Ancestral

e cada noite eu desfazia
o que eu parecia desenhar
eu, o mínimo de perturbação
no vasto irrefletido espaço
eu, o máximo que dava pra crescer
no que se pode ser
se tudo ao redor é só
espaço eu percebi
que não há sentido
propriedade secundária
só existe no conúbio, no concílio
de vários pontos mais irrelevantes
em nexos de acaso
e quando o golpe vem
forte o bastante
não há porque deixar de ser
ou ainda
não há como

era março e
nada mais rodopiava
o encanto abafado novo
mofo estranhava o vazio sem fronteiras
descendo amarrando o sol a
luz caindo pra dentro em diamante
cruzes em valas
o ponto
o espanto

o pouco sobrou o som
foi ficando febril e
ébrio então as
portas todas fecharam as
portas contavam histórias
nas suas maçanetas limpas
e os
poucos
olhando com calma o buraco entre o
pó e a escada
espiral onde o
dança o
pó
acalmaram

mas dito e feito foi
pouco o tempo que passou entre as
orlas brilhantes do éter e
casca petrificado aos poucos
a descida o mergulho
já parecia banal
afundando imagine o
seguinte a água toda em volta mas
ainda assim respirando desce mas
a água é a terra e abre
ou areia tanto
faz ainda desce e a luz vem
de outro lugar é mais clara
é imagem são filmes minúsculos que
se desprendem das coisas
ainda que dentro da treva da
terra mas mesmo assim
ainda há espaço então
desce, adormece, as imagens
ainda penetram no âmago
movem os movimentos que fazem
sentir desenterram escavam
exumam o grosso do que num dia
normal você faria de tudo pra
abafar, fazer descansar, digo,
entupir numa vala bem funda que
desde pequeno você cavoucou pra
enterrar as vergonhas

aí que começa
parece um sonho
um torpor, logo insone
mais fundo um olhar hiper lento
ao redor um trator em câmera
lenta um riscar da unha do outro num
quadro lousa e mesmo assim não
ouvir muitas e muitas e muitas
horas o que importa mesmo é que
você aprende todos os movimentos das
folhas daquela única árvore
e a incidência dos focos
matizes de luz e o prazer
na incandescência do fim
que é, na verdade, o momento

Mergulho Ancestral

e o prazer contido causado
por crenças verdadeiras
isso você aprende

com algum esforço

olha praquela mesma árvore
faça questão de soltar
todo apego
comida conversa costas
aguarde imóvel que os raios se tornem
oblíquos que logo eles fogem
e o gozo resume a passagem do tempo

faço aqui uma ressalva esse
gozo não é mais de si ele fica
lá fora mas não você não pode
sair e não é porque tudo
se infecta e as coisas
são agora como nunca antes
não
você não pode sair pois
faz parte da ascese do
novo modo de
 mover-se
é no arrastado das horas que
as copas flutuam por sobre
o que sobra da sua cabeça
é aos poucos que uma nova
sensibilidade aflora mostrando
que só aquilo, assim mesmo,
sem nome, é o que está
coerente

Mergulho Ancestral

não pode haver por mais
que queiram digam
não não pode haver mais
que queira pois não pode haver
mais nada que
se deixe iluminar pela
treva tão bela
que você construiu

não se esqueça de levar ao menos
uma coisa que se mostre confiável
aí aperte a coisa contra o peito
vai doer mas
mesmo assim aperte
e faça tudo aquilo que ela queira
seja entrar por onde for,
volume,
sair aos poucos, peso,
como der
pode ser algo que sempre esteve ali mas
você nunca reparou
estranho passa a ser não ter
visto antes que era bom
ter pouco peso peso algum
aos poucos e cristalizar
o instante num cosmo inteiro
não se esqueça
repita a operação não
agite antes de usar

Mergulho Ancestral

releve os avisos o que quer
que digam nada mais é de verdade
se pode haver completa implosão
do todas as verdades
pode haver o desmoronamento
lento do que está dentro de si
por que não
a vez a voz
é sua

se resta o mínimo
de algo humano
talvez com
tato alguém consiga
te arrancar com gancho
não dos mais simples
mas com:
bombas de ar
haste metálica longa e fina
barbante muito esforço
e algo da antiga arte da
teimosia prestidigitação

como aquela matéria sólida
da pedra esgarça os fortes vínculos
vencida pelo vento violento ou
água

e por mais que você queira
ou ache que é capaz de registrar
cada espasmo ou desentroncamento
vertebral ou afago na sua pobre figura que
sim você consegue olhar ali
com comiseração alimentada com
pequenas doses de treva diluída em vergonha
e contentamento o fato é que você
sente uma branda volúpia em virar
pedra e encher os vãos dos tacos no assoalho
com mofo precioso e calculado é
bom arrasta mais um pouco
deixa entrar devagar é bom o sulco
o tronco que agora você é
é doce e terno você pode acalantar,
tudo passa longe e soa falso

III – VIRAR VERME



o amor da noite
escancarada sem amarras
do lento apagar do sol
da claridade constante
que te trouxe a mais sólida
certeza
dá lugar então
ao centro o núcleo da
terra

daí
se seguir reto
você só volta pro outro lado

Mergulho Ancestral

ao decidir retroceder
há uma pequena pausa
em que aquele cerne em magma
precisa te queimar inteiro
e aquilo da pressão que te esmagou
passa a ser perceptível

esse momento traz de volta
a dimensão da sombra e
bom
é hora de voltar

e aos poucos bem
aos poucos
o relógio mostra as
horas volta a mostrar
as horas e um pequeno movimento
move um dedo um alfinete
encosta a superfície antes
inerte do seu pé do dedo
e dói de novo e pode
parecer pouco mas é no
pouco que se volta
arrasta a massa
tão pesada embora o peso
tenha desvanecido no
processo vai e arrasta
deslizando
para o chão
levanta abre a janela
eleva as pálpebras

Mergulho Ancestral

há muitos pontos no caminho
em que é possível adentrar
pequenas fendas que revelam
espaços ocultos que
parecem adumbrados
mas ao parar um pouco a
vista se acostuma

o contorno do insondável toma corpo
você busca então saída
a pedra, triturada

alguma coisa
precisa ser deixada para trás

começa uma viagem em que a
trajetória é torta e não,
não se parece com as escarpas
ascendentes que galgou orfeu, não,
é uma urdidura mais sutil
e de repente o céu é feito fogo
e prédios guardam nas fachadas
janelas apagadas em que fornos
assam chapéus de palha e gente
cai e os simulacros
do passado habitam um espaço
topográfico de um tipo todo novo
e brindam ao redor de imagens
novas essas que qualquer de nós
enxerga ao acordar

Mergulho Ancestral

a viagem pode começar no chão
do banheiro
um restaurante de estrada
do tipo mais cafona mármore
jardim de inverno e passa do seu lado
na porta do banheiro um
par de olhos conhecidos
mas você persiste
ali deitado e a sombra
dá bom dia e você
nem pra se levantar

numa fuga espetacular
você busca as palavras no meio da noite
escura pra trazer a claridade
à mente do seu interlocutor
poucas vezes nomeado
pois as descobertas obscuras
levaram o descobridor
ao patamar tranquilo
de deus, de deus, veja
você e então bem devagar
você planeja numa caderneta
com letra assim de madrugada
num dos breves
e pequenos intervalos de lucidez
escrever o livro, este

já que falta coerência e fio narrativo
pouco importa quem vai ler
e no processo de edição os nomes ficam fora
vênus, deus,
tanto faz
o máximo de glória que te permitir
a musa que essas drogas despertaram
virá quando cruzar a linha
e que diferença faz
se séculos depois alguém
tira o pó e abre os fólhos
espirrar um pouco
e te levar pra imensidão
se ninguém sente mais nada
quando morre

e ainda assim, você escreve
no parco tempo entre um e outro despertar
e, não se esquece, joga fora aquela coisa que
pressionou contra seu tórax
que, lembra, quase quebrou
porque não ia te aguentar
se seu pulmão se enchesse
ainda que uma
única vez

Mergulho Ancestral

de repente você rouba um carro
e vai a pé no centro passa a praça
do coreto compra pão esquece que deixou
o carro, um fusca azul gigante
estacionado volta pra levar o pão
pras suas filhas mas resolve
pura culpa
devolver o fusca e ao parar
defronte à residência
dos supostos donos
no meio da noite, no meio do nada
você é abordado por um guardador de carro
que te diz
aqui não pode

e logo então esmaga como fruto seco e oco
o crânio de alguém próximo com a cama sólida
e depois arranca cada pedaço de um tronco
humano com uma faca velha
aclara com razão e cálculo as lacunas inconclusas
de sua memória há tanto espaçada
ou quebra uma garrafa numa pia branca
e olha com afastamento estoico o
sangue que te faz pensar então existe um fim

Mergulho Ancestral

acorda, escreve o sonho, escala,
delicado, a espiral ainda instável
meio de cristal, agora agita
o pó que, já saudoso,
nevava pela copa da uma árvore
que, coitada, sente falta agora
daquele seu olhar alucinado

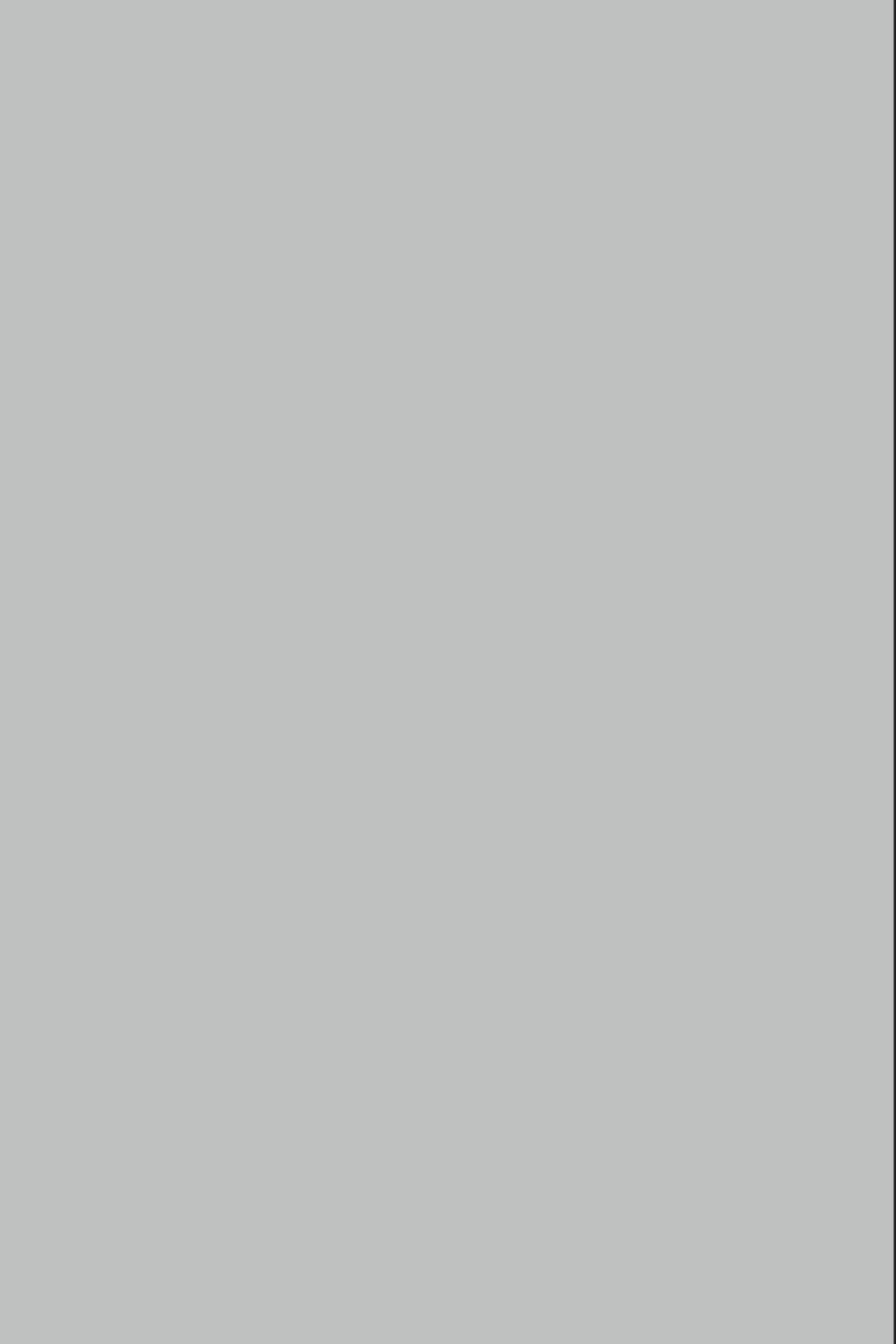
quinzenas passam como um carro velho
anunciando coisas que nunca vendem de verdade
e deixam pelo catalisador
meio quebrado um velho odor
de masmorra

ara a terra em novos sulcos
remexe as pedras tanto tempo quietas
há sementes de tudo no que há e
no que vem
no que morre e fica tanto tempo quieto

agora você já consegue ouvir
e diferenciar os timbres dos pedidos
de socorro ou só de amparo

o pouco de suor que brota
multiplica-se em unção salgada
cada vez mais abundante em
novo ou velho tipo de gozo
escreve as cartas
para si
prepara o campo
olha
a árvore
de novo
separa o que é seu
do que não morre
encosta os cílios
na fonte de orvalho
modula a voz que
parecia
insuficiente
fala, fala
sem parar que vai que
algo sai
com força e jorra
todas as sementes do amanhã

repara ainda uma vez
tem saída aquele jardim
mas para um pouco antes
de fazer todas as curvas
que de início você mal lembrava
mas foi lembrando
ainda menos foi dizendo tudo bem não
faz mal é coisa
pouca
foi dizendo pode ir não faz
mal foi quebrando cílio unhas
ossos foi quebrando os galhos
membros todos do louva-a-deus os
pratos de papel as casas pontas de lápis foi
fechando cada vez mais as rugas feito tampas de
potes já tão mais sábios arranhando as cascas
de ferida de ferrugem foi fechando
as ventarolas os caixões foi dizendo tá
bom assim
e uma hora tem que parar também
de falar de tremer aquele olho de
subir no para-raios deslizar no
chão recém-lavado foi fechando os sulcos que
custaram as palmas das mãos
mas tem que cessar o murmúrio e a hora chega
vez por outra lembro de
quando respirava



AS CENTELHAS DA PALAVRA VIVA

Lucas Lazzaretti

Algo emerge inesperadamente e então se dissolve, em um instante, como se fosse nada. Um fulgor que anuncia, mas que se desfaz rápido. Sustenta-se, se mantém e perdura, certamente, mas a questão é sempre sobre o tempo, sobre quanto a faísca deixa em nós aquilo que foi sugerido. Algo emerge inadvertidamente e precisamos ter olhos vivos para poder perceber.

Ou, então, precisamos ser guiados pelos caminhos já percorridos que indicam possibilidades, que trilham picadas em novos terrenos. As mãos tateiam, vagas, mas encontram migalhas dispersas em veredas tortuosas. Mas então, já nos primeiros três versos de *Mergulho ancestral*, recebemos alguma indicação: “clarão potente / com mais pressão no diafragma / firma o sopro”. O mesmo relampejar para todos nós, mas agora transcrito com uma descrição sobre o proceder, pois sabemos que algo se instaura em nosso fôlego, em nossa respiração, na vida que nos é própria e que nos parece tão estranha e alheia.

Muito do que é produzido contemporaneamente em termos poéticos parece ter assumido como vocação o exagero de uma cotidianidade que recai em uma banalidade. A linguagem é reduzida a cacos ou se supõe que empilhar palavras serviria, como em um jogo de blocos, para construir algo sobre uma ou sobre muitas realidades. Mas pouco se suspeita que é preciso retornar ao momento anterior, ao espanto perante a realidade. Em *Mergulho ancestral*, Rodrigo Tadeu Gonçalves é capaz de vivificar a poesia ao ressuscitá-la no que ela possui de mais medular. É preciso se espantar novamente com as coisas simples, mas sem dissolvê-las em simplicidade. O mundo precisa de palavras e as palavras precisam falar, poeticamente. Não é uma surpresa, desse modo, nos encontrarmos, logo após aquele

apelo inicial à respiração, em uma espécie de retorno: “chega, enfim, em casa / tantas estações passaram / e pouco ou nada / se criou”. As coisas se repetem assim como o próprio mundo é composto de repetições, a vida segue um ritmo trivial, “e nada muda / a viagem recomeça / até que venha a morte / pelo mar”. Mas quem nos evoca essas repetições? Qual é a voz que nos diz e com quem essa voz subitamente fala?

Quando é anunciado que “o tom mudou”, nem bem começamos a seguir os poemas, vemos que há um diálogo com a própria realidade, com o mundo e com as coisas elas mesmas. Porém, longe de uma elevação tresloucada, sentimos a força e o peso da imanência: “do falso o oco aberto se desfaz / disfarça a finitude, arruma a roupa / começa a por em ordem tudo, enfim”. É impossível não repetir, notamos conforme avançam os versos, não tanto porque somos convocados à repetição; antes, é a repetição que se instaura dentro de nós e só nos cabe permitir essa instauração: “o que se pode acrescentar / é pouco, mas fundamental: / a crença de que ele não cresce”.

Pelo apelo a esse campo volátil de um tempo suspenso em que a poesia serviria como evocação para experiências passadas, sobretudo experiências que chegam por ecos de um tempo assumido como clássico e classicamente construído por nossas próprias intenções, poderíamos escutar nos poemas de Rodrigo Tadeu Gonçalves aqueles murmúrios já escutados em Yeats, em Hölderlin e em Rilke. A aproximação poderia ser devida, em muitos sentidos, mas há que se considerar a diferença fundamental: a nostalgia salmodiada no começo do livro é, no fundo, uma nostalgia sem nostalgia, um recordar – no sentido de trazer ao coração – um mundo simples que não se perde nem nunca se perdeu. Em um presente que diz um passado impreciso, é a palavra presente que é continuamente chamada, seja pela repetição que devolve o agora enquanto uma possibilidade de experiência, seja pelo verbo “ser”, ele mesmo trazido sob suspeita: “mas tanto se passou / desde o tempo em que você / despiu o véu do que te empresta / o gozo / que desidia

é ser, / indiferença". Nessa indiferença do ser que se encontra a abertura para um começo que não é origem, para um começo que é ele mesmo experiência e que diz "o há / o alvo colorindo / aurora / o começo". Conjuntamente com o "ser", essa cópula viciada de fundamento e origem, aquilo que há, aquilo que está.

Precisamente por isso, quando nos chega o mergulho ancestral, vemos então se instalar uma oposição. O que restou de etéreo, "no que resta do ar / no que sobrou", é contraposto ao que há de sólido e cotidiano: "lá embaixo uma casa / em que eu sigo existindo". O olhar está voltado para cima, para as alturas, em uma suspensão permitida por um voo instantâneo, o mergulho, mas é na casa que se existe, é no chão que se está e para o qual é preciso retornar, não só como repetição, porque isso é inevitável, mas como a criação de uma experiência. A oposição que começa a se imiscuir em imagens faz poesia enquanto as palavras vão sendo trazidas, uma a uma, para a composição: "se o falcão ainda dança / não vejo mais / o vale estende-se no tempo / no escuro a luz em facho / me lembre da casa". Há esperança de se encontrar um espaço ao mesmo tempo em que se sabe que é sempre o tempo que é soberano, porque é o tempo que diz o presente daquilo que é, e assim a oposição se intensifica entre o todo e as partes: "embora a soma das coisas / seja ao fim / inumerável / a colheita do silêncio / em luz oblíqua / varrendo na cabeça / cada mínimo absoluto".

No entanto, são as partes, minúsculas, que importam. No fundo, importam porque são as vibrações da realidade que se quer experimentar. Os versos são endereçados para alguém, dialogam e falam com alguém, mas sabemos tanto sobre esse alguém quanto sabemos sobre as coisas do mundo. Enquanto um limite tênue e constante, a experiência se depara com o mundo e a poesia se forma nesse choque: "um mundo / desde o sonho feito língua / que se dobra sobre língua / e sustenta o chão e o céu". Feito o mergulho suspenso em uma volatilidade talvez necessária, vem então a perfuração da broca. Os versos tomam corpo, assumem uma agilidade e são prementes. "Então

foi assim / de uma hora pra outra / o ciclo diário parou / comecei a tecer um / fio de cada vez atrás / de sonho cada vez...”, como uma torrente, como um fôlego desmesurado, arfando, pesado no diafragma e no peito, da experiência que finalmente acontece. Não é raro, então, que aquela oposição antes posta agora dê vez para a singularidade das coisas e diga o particular para encontrar algo mais pristino ou, então, mais ancestral: “era março e / nada mais rodopiava / o encanto abafado novo / mofo estranhava o vazio sem fronteiras / descendo amarrando o sol a / luz caindo pra dentro em diamante / cruzeiros em valas / o ponto / o espanto”. A experiência do espanto, pré-reflexiva, pré-racional, pré-teórica, antecedente e precedente a todos os engendramentos previamente dados. Enfim, o espanto! Porque é disso que se trata quando estamos na poesia, do espanto.

Os versos se solidificam e um “eu” se corporifica, sempre próximo da realidade simples, como se visse tudo que é usual sob um olhar novo, o olhar do espanto: “... o que importa mesmo é que / você aprende todos os movimentos das / folhas daquela única árvore / e a incidência dos focos / matizes de luz e o prazer / na incandescência do fim / que é, na verdade, o momento”. Instante de se ver novamente com olhos completamente novos. O ato de ver, a visão. A poesia nos guia para o ancestral que está aí: “olha praquela mesma árvore / faça questão de soltar / todo apego”. Não é, contudo, o mundo que encontramos. Esse é buscado sem fim, como não poderia deixar de ser. São os versos que nos dizem o que são e a poesia que vai se colocando entrementes: “é aos poucos que uma nova / sensibilidade aflora mostrando / que só aquilo, assim mesmo, / sem nome, é o que está / coerente”. A oposição nunca foi abandonada. Mantém-se, em luta, agonicamente, como a construção insistente que sabe de sua instabilidade porque sabe que é feita de palavras, que é feita de um material leve.

O único nome mencionado em todo o livro é aquele de Orfeu. A viagem é trazida como uma imagem recorrente e Orfeu então é signo de uma tentativa. Em Mergulho ancestral, Orfeu

não desce ao submundo, mas busca ascender. Dessa forma, a viagem toma o exemplo deixado pelo proto-poeta grego, porém visa “uma ardidura mais sutil” exatamente no ponto em que os poemas começam a se adensar em suas referências ao real material da realidade. Nesse momento, sabemos que se trata de poesia, mas uma poesia que também sabe que está em relação com aquele esforço da experiência do que há, está e é: “a viagem pode começar no chão / do banheiro / um restaurante de estrada / do tipo mais cafona mármore / jardim de inverno e passa do seu lado / na porta do banheiro um / par de olhos conhecidos / mas você persiste / ali deitado e a sombra / dá bom dia e você / nem pra se levantar”. Daqui em diante, a possibilidade se converteu em realidade efetiva. Converteu-se em poesia.

Há algo de ontológico em *Mergulho ancestral* e Rodrigo Tadeu Gonçalves realizou o fantástico que nos parece sempre irreal e que, no entanto, soa como a própria realidade aos nossos ouvidos mais primevos. Tratava-se, talvez, de dizer aquilo que é, mas sem fazê-lo de modo direto, sabendo que há nessa empreitada uma condenação dada de antemão. Então se diz o que há, o que está, mas o faz atualizando a própria poesia, porque quem sabe essa seja uma das validades fáticas da poesia, ser capaz de nos espantar novamente e deixar ficar o espanto como uma materialidade existente. Quem sabe, inadvertidamente, Rodrigo Tadeu Gonçalves tenha indicado novos caminhos para uma ontologia ou, quem sabe, tenha feito soar um canto que reverbera as tessituras da realidade por meio da poesia. Almejar tanto talvez seja o que pode a poesia. Para todos os efeitos, em *Mergulho ancestral* há algo raramente encontrado na linguagem, quando ela deixa de denotar e performa. Quando ela se esforça, poeticamente, para se aventurar no mais difícil e, contra todas as impossibilidades inerentes, se lança em uma viagem buscando “... cristalizar / o instante num cosmo inteiro”.

